

A GERAÇÃO HUMANA E AS DOCTRINAS DE EXETER

Pelo Prof. Doutor EGAS MONIZ (1)

○ problema da geração humana é uma das grandes questões biológicas que interessa, sob variados aspectos, o mundo médico, pois é a chave do futuro da espécie.

O seu estudo ganhou, porém, de importância neste momento histórico em que a guerra fez destroços gravíssimos na população.

Muitos aspectos apresenta o assunto e, entre todos, sobleva o da hereditariedade que a histologia e a biologia vêm orientando em novas directrizes. Outro há que ora se levanta, como mais importante, para além das fronteiras: remediar o desgaste que a última hecatombe fez pesar sobre a humanidade.

Há famílias que desapareceram em totalidade. Não ficaram descendentes. Há outras de que restam apenas inválidos saudosos de não terem a sorte dos seus. Na história não se regista tragédia igual, pois todas as outras guerras não deixaram atrás de si idêntico cortejo de aniquilamento e de vazio, nas pessoas e nas cidades e na força moral em que a vida se apoia. A morte campeou infrene por toda a parte, a metralha devastadora e cega tudo levou e arrasou. Evitaram-se, é certo, os gases pestilentos

(1) A Revista da Ordem dos Advogados agradece, desvanecida, ao insigne Prof. Egas Moniz a honra da sua colaboração e a cedência deste artigo que, na expressão do eminente sábio — Prémio Nobel da Medicina — «traz matéria de sobra para muita discussão jurídica e outra». (N. R.).

do conflito de 1914 a 1918; mas a maldade e a fome assolaram de tal forma os países atingidos, que foram ainda mais ferozes as suas consequências.

A psicologia entrou em desvairo. Os que se classificaram de super-homens, martirizaram e trucidaram raças, como se tivéssemos regressado para além da idade-média, e torturaram grupos indefesos, como feras enjauladas.

Sentiu-se o sadismo da gente celerada, o fragor da metralha avassalando as populações pacíficas, os enxovalhos dos conquistadores dilacerando famílias por condutas indignas, a explosão dos ódios deixando raízes de vingança mal represa. A humanidade voltou à época da barbaria — e mesmo recordando as longínquas e impiedosas hecatombes dos antigos tempos — a guerra que presencéamos veio trazer um novo aspecto à tragédia da vida.

Antigamente os soldados batiam-se nos campos das batalhas e as contendas decidiam-se pelo triunfo de um dos exércitos. Muitos homens morriam ou ficavam inutilizados.

Agora não. Já na penúltima guerra a morte estendeu a sua asa sinistra sobre gente indefesa; e nesta calamitosa catástrofe a ferocidade foi, desde o início, proclamada pelos teutões: guerra total. Não foram apenas os soldados a morrer. Quase que as baixas destes foram as menores. As mulheres e as crianças das cidades bombardeadas constituíram o número mais elevado das vítimas. Já me não refiro aos velhos, valores secundários neste cadastro sinistro, por ser diminuto o seu valor.

Dantes morriam apenas homens válidos que faziam falta à geração; mas agora morreram milhares de mulheres em idade de dar filhos.

O problema da geração humana desloca-se inteiramente. Há falta de pais e de mães, estas mais valiosas para assegurar a descendência.

O balanço não está dado. Não sabemos se as contas se poderão vir a fazer com exactidão, de sorte a designarem o sexo em que se deu o maior número de baixas. Tanto mais que as mulheres válidas — em todos os países engolfados na luta — acabaram por colocar o seu patriotismo e a sua vida ao serviço da nação, nas fábricas, nos serviços auxiliares do exército e até

em combate. A mulher que aparecia na história como exemplo raro de heroísmo guerreiro, sacrificou-se e morreu nesta guerra de forma a deixar, ao lado do homem, o deslumbramento colectivo de valentia e abnegação.

Postas estas premissas, a questão do desenvolvimento crescente da espécie humana, levantando-a do colapso em que caiu, adquire, nesta hora trágica da recomposição do mundo, uma acuidade especial.

Os dirigentes dos povos não deixam de proclamar a necessidade do aumento da população, não só para compensar as baixas havidas, mas para consolidar a situação demográfica do país.

Fala-se em paz permanente, juntam-se os representantes dos grandes países para estabelecer as bases em que os conflitos hão-de resolver-se; mas todos instigam os povos a dar provas da sua força ingénita, numa abundante descendência. E nela se firmam para alcançar as vantagens de expansão, trabalho e ousados esforços que, melhorando a vida económica, concorram para a felicidade colectiva.

A ambição dos estadistas é impulsionar as forças latentes na super-produção de homens, ocultando talvez reservados propósitos sob falazes promessas e pomposos programas sociais.

Sejam quais forem os desígnios dos povos, o problema da geração humana é a grande questão de momento.

Todos concordam em aumentar a natalidade, mas é necessário que se não faça ao acaso.

O preceito genérico: multiplicai-vos, sem restrições, constitui um pregão de desgraça e de degradação social. Compreendia-se há dois milénios, mas o progresso da biologia não o admite na hora presente. A geração a esmo projecta-se nas proles enfermiças, tanto físicas como psíquicas. Os débeis, os tarados, os achacados de toda a ordem, muitos deles de origem hereditária, são peso morto a cair sobre a colectividade.

O aumento da natalidade, bem social ou mal inevitável, tem de fazer-se à sombra da Eugenia para que a descendência seja forte e sábia, útil e feliz. Os seus preceitos têm de ser seguidos com bom critério para benefício de todos.

Desde a antiguidade se pensou no aperfeiçoamento da espécie

humana, como se procedeu entre os animais. Na Grécia esta noção salutar vibrou na alma dos seus filósofos e salientou-se no seu teatro; mas nada se fez de objectivo e útil.

Durante milénios a humanidade viveu o absurdo inqualificável de deixar a sua descendência ao destino de uniões, por vezes, miseráveis.

Nietzche foi um dos pensadores modernos que proclamou concretamente a nova orientação da melhoria da espécie, preconizando o emprego dos meios necessários na obtenção de melhores produtos vigorosos e sãos. Na Alemanha de ontem foi esta doutrina mal orientada e exagerada por superstições várias que a levaram à efectivação do meio drástico da esterilização forçada, só admissível em casos muito especiais de marcada hereditariedade psicótica.

Teve ali outra aplicação, adulterada à sombra de ridículos preconceitos. O germano arvorou o estandarte da superioridade ariana que o levou à perseguição de outras raças, especialmente a judaica, a quem a humanidade, num justo apuro de contas, deve mais serviços do que aos que se julgaram a estirpe superior, escolhidos pelo destino para dominar os povos do mundo. Deuses de pés de barro que os azares da guerra condenaram às justas proporções da sua insignificância.

A Eugenia visa a fins altruistas, humanitários, fora de fanatismos funestos. Tem por fim evitar as causas de uma má hereditariedade. Não se preocupa com problemas raciais, pois cada um apregoa a superioridade da sua grei, faltando, por completo, a imparcialidade de julgamento.

As guerras são um falso critério para reconhecimento dos que mais valem. Não é o factor número, surpresa de ataque, melhores armas e equipamentos, resistência e mesmo heroicidade que marcam a superioridade dos povos. Estes só são grandes pelas suas virtudes e superioridade intelectual. Valem não só pelo presente, mas pelo passado e pelo futuro. A hora actual é mais premente, a tradição só é evocada pelos vencidos na hora melancólica do final das tragédias; o futuro apresenta-se incerto e nebuloso. É preciso — já que assim obriga o rolar dos acontecimentos — aumentar a natalidade, mas a boa natalidade. Não é fácil impedir a ligação dos sexos, mas é necessário que algumas

das ligações sexuais sejam estéreis. Evitar a fecundidade é dos preceitos eugénicos que convém divulgar e, em muitos casos, impor.

Diminuir o número de doenças de tipo hereditário, é aumentar o património da saúde colectiva.

Estas enfermidade não se transmitem porém, indistintamente, a todos os descendentes; seria injusto cortar a gerações sucessivas o desejo da multiplicação. A ciência da hereditariedade, em que se ocupam hoje múltiplos e bem apetrechados institutos, procura determinar as leis que a regem e as circunstâncias que a orientam. Muito há feito e trabalha-se ardorosamente na ânsia de novas conquistas. Do resultado destas investigações, do meticoloso cuidado no estudo de cada caso, da compreensão dos factos entre os que projectam fazer uniões matrimoniais e ainda do interesse que o Estado ponha na solução deste grave problema, advirão as vantagens indispensáveis à melhoria da descendência. Mais do que isso, a Eugenia pretende orientar a saúde e melhoria da espécie, promovendo, por todas as formas, a selecção dos indivíduos normais de melhores aptidões no campo intelectual, moral e físico, sobre que há de construir-se uma Sociedade melhor.

Ao lado da demografia quantitativa é necessário colocar a qualitativa. A valorização de um povo não se faz apenas à custa de uma natalidade exuberante, mas sã e escolhida. Aos médicos, e acima das leis, compete essa missão, perseverando numa actividade protectora das boas qualidades da prole, evitando enfermidades transmissíveis, prègando a doutrina da boa selecção nas uniões matrimoniais e, elevando-se acima de ideias preconcebidas, aconselhando a infecundidade às ligações desastradas.

Vem aqui lembrar a Eutanásia, como podendo auxiliar os preceitos da Eugenia. Eliminar pela morte as vidas inúteis e especialmente as que podem concorrer para a degradação da espécie, tal é o seu objectivo. Não podemos defender tal processo de depuração humana.

O problema da geração humana traz à colação as doutrinas de Thomas Robert Malthus, que seriam consideradas com optimismo nesta hora de ansiedade populacional, se não houvesse correctivos impostos pelas lutas e crises sociais, doenças e restri-

ções da fecundação devidas a inúmeras causas. Há 44 anos escrevemos a este propósito :

«Para Malthus a população tem tendência natural a multiplicar-se rapidamente. Se esta multiplicação incessante não encontrasse obstáculos na previdência calculada ou na inflexível repressão da natureza, o número de homens duplicar-se-ia todos os vinte e cinco anos».

Foi esta noção e a dependência em que a geração humana está das subsistências, que levou o pastor anglicano a enunciar a sua conhecida lei : — «Quando o aumento da população não é sustado por nenhum impedimento, esta cresce em progressão geométrica, ao passo que as subsistências apenas aumentam, por mais favoráveis que sejam as condições de produtibilidade, segundo uma progressão aritmética». — Tal preceito não se verificou até hoje devido à intercorrência de inúmeros factores, nem o próprio autor a quis reduzir ao rigor de uma fórmula. Ele próprio chega à seguinte conclusão, menos matemática, mas mais exacta : a população tem tendência para aumentar mais rapidamente do que os meios de subsistência.

Se o aumento da população dos Estados Unidos da América do Norte se fez, no início, em progressão geométrica, o que serviu de base às doutrinas de Malthus, outros exemplos da mesma época mostraram exactamente o contrário. E assim as suas doutrinas foram diferentemente comentadas, segundo as nacionalidades e, nestas, segundo os períodos em que a natalidade foi apreciada. Basta notar o número de economistas e biólogos que contra as doutrinas de Malthus se insurgiram em França, especialmente depois de 1848, quando a natalidade começou a crescer.

Considerando o aumento da população como a prosperidade das nações, caminha-se no sentido de a promover e intensificar de sorte que os povos se fortaleçam na paz e na guerra, aspecto trágico que, por mais que dele nos queiramos afastar, pode surgir um dia, a enlutar de novo a humanidade. De sorte que a batalha da natalidade tem de ser ganha contra a esterilidade voluntária ou involuntária. Os casais que evitam ter filhos, por motivos de

falta de subsistências, carecem de ser assistidos; e as leis têm de melhorar as suas situações económicas numa protecção justa e eficaz. Aqueles, felizmente em pequeno número, que evitam a descendência apenas por comodidade, e os que, por esse ou outros motivos, como o de deixar filhos bem herdados, reduzem a produção infantil, devem ser convencidos a auxiliar a comunidade. Compete ao médico a evangelização dos bons princípios, mostrando-lhes o erro em que laboram, e às leis reduzir os males tradicionais que favorecem certas descendências em detrimento de outras.

A esterilidade involutária tem todavia maior importância e carece, por isso, de ser convenientemente tratada. A maior parte dos casais anseiam por ter filhos e desde que não haja causas mórbidas transmissíveis, ou miséria física comprometedora da gestação, deve dar-se a esses cônjuges a assistência médica necessária, nas melhores condições e facilidades, para observação e apropriado tratamento. Daqui a pouco descreverei a clínica de Exeter que pode servir de modelo no auxílio a prestar-lhes.

Por agora, e na orientação que queremos dar a esta exposição, apenas me ocuparei do tratamento de uma das dificuldades da procriação, isto é, dos casos em que, havendo os elementos vitais do sémen, estes não possam alcançar o útero. Se a mulher é sábia, pode recorrer-se então à fecundação artificial. É necessário aproximar o espermatozóide do óvulo, de sorte a produzir o ovo em condições normais de desenvolvimento para poder dar origem ao feto.

«A esterilidade artificial, escrevia eu há mais de quatro décadas, é problema vasto e complexo. Relaciona-se com graves situações sociais e económicas. O da fecundação artificial, embora também possa ser considerado sob esse aspecto, é mais modesto; é uma página para ser lida em família, cautelosamente, recatadamente, mas pode representar o alvorecer de uma vida nova, cheia das alegrias das ambicionadas crianças, a que não faltarão carinhos nem meios para se educarem e robustecerem, de forma a poderem ser mais tarde prestáveis aos seus e à sociedade».

Variadas são as causas que podem originar no homem a perda do sémen sem atingir o órgão sexual feminino; vícios de conformação, doenças traumáticas e mutilações, frigidez sexual, etc.

Os primeiros ensaios da fecundação artificial na mulher foram realizados pelo médico inglês John Hunter, em fins do século XVIII e logo seguidos por outros.

Não se deve esquecer que, antes do seu emprego, é indispensável um cuidadoso exame ginecológico da esposa e o consequente e adequado tratamento, sem o que a injeção seminal não deve ser utilizada.

Uma regra é por todos aconselhada e seguida nesta operação: a colheita do sêmen e a sua introdução na cavidade uterina é realizada pelo médico perante o marido e com a assistência de outro clínico. Em geral fazem-se sete a oito tentativas de tratamento antes de desistir do processo.

Vem a propósito expor, embora sumariamente, alguma coisa do muito que há feito sobre a fecundação artificial no animal.

Esta foi iniciada na Rússia por Élia Ivanov, professor e director do Instituto de Medicina de Sampetersburgo (1889-1930).

Foi o preconizador dos métodos aplicados para esse fim nos animais domésticos e o promotor da criação de variados híbridos, assunto que, no início da guerra, continuava a ser estudo em Askania Nova.

Os resultados obtidos com a fecundação artificial na República dos Sovietes são surpreendentes. Informa o Scottish Farmer que mais de 50 milhões de cabeças tinham ali nascido por este processo, aproveitando-se reprodutores seleccionados.

Alguns números curiosos: Tsimulya obteve 4.000 cordeiros de um único carneiro seleccionado, Kulikov conseguiu, num ano, 1.500 vitelos de vacas fecundadas artificialmente com esperma de um único touro, e outros 6.000 foram gerados com sêmen de quatro reprodutores. Assim se pode restabelecer em pouco tempo, na Rússia, não só quantitativa, mas qualitativamente, o seu imenso património pecuário.

Sobre a técnica da fecundação artificial no animal, há duas orientações diversas. Diluir o esperma em soluções gluco-salinas a introduzir na vagina; ou fazer injeções intra-uterinas de pequenas quantidades de esperma puro. Com doses de 0,2 c.c., têm-se obtido, sobretudo com injeções profundas no canal cervical das vacas, elevada quantidade de fecundações. As injeções devem ser feitas, quanto possíveis, no momento das deiscências fuli-

culares... A recolha do esperma, por vezes difícil, obtém-se directamente na vagina do animal, em esponja, capuz, vagina artificial de manequins, talvez o método preferível. Também se provoca a ejaculação por métodos mecânicos e eléctricos e mesmo por processos operatórios.

A produção espermática nas diversas espécies animais quanto à idade, raça, alimentação, género de vida e em relação com a distância das ejaculações anteriores, tem merecido demorados estudos.

As investigações feitas sobre os espermatozóides normais, anomalias, tipos patológicos, o que é da maior importância teórica e prática, têm trazido notáveis vantagens tecnológicas.

Como diz Bonadonna, de cujo volume sobre fecundação artificial dos animais (1) respigamos estas notas, o valor real do esperma está em relação com o número de espermatozóides capazes de subir pelo aparelho genital feminino e de sobreviver durante o intervalo que distancia o acto da introdução do esperma e a ovulação.

Aprecia-se a actividade do espermatozóide desde os movimentos progressivos, oscilatórios, rotatórios, de diferente valor, como sinais da sua vitalidade, até à imobilidade total.

Também se tem investigado os factores que podem prejudicar as suas funções vitais, tais como, luz, temperatura, água, substâncias químicas e medicamentos. Não tem esquecido aos zootécnicos a averiguação dos germens patogénicos do sémen, por vezes difíceis de encontrar.

O problema da conservação do esperma tem sido largamente estudado. A técnica actual iniciada em Cambridge, foi depois melhorada por vários experimentadores. Permite demorar os zoospermas vivos e com qualidades fecundantes por bastantes horas. As estatísticas variam segundo as espécies, e vão de 6 a mais de 30 horas.

O IV Congresso Internacional de Zootecnia de Zurique, de 1939, propôs que fossem tomadas providências internacionais para que as colheitas de sémen passem através das fronteiras com

(1) Prof. Dott. Telesforo Bonadonna, *Manuale di tecnica della Fecondazione Artificiale degli Animali*. Milão, 1940.

facilidade e segurança, tendo em conta as características do material espermático de maneira a não se perder a sua qualidade fecundante, dentro dos prazos indicados pelos técnicos. Só com estas facilidades e com a rapidez actual dos transportes, se podem fecundar, a distância, várias femeas com o sêmen do mesmo macho.

No seu transporte seguem-se as indicações de Milavonov pelo que respeita às diluições convenientes, obtidas por forma que, sendo o líquido isotónico, proteja a cápsula lipóide e não altere a carga eléctrica espermática, de sorte a evitar a aglomeração dos espermatozóides. Estas soluções são diversas segundo as espécies e a vitalidade que é necessário garantir aos elementos germinativos.

Desculpem esta pequena diversão, mas a fecundação artificial nos animais é bastante ignorada pelos médicos, por andarem muito divorciados os nossos estudos dos da veterinária, erro grave que atinge principalmente os que se dedicam à investigação científica.

Na nossa Sociedade de Ciências Médicas de há muito se pensou nessa associação e tanto que temos como sócio honorário um ilustre professor da Escola Veterinária. Honra seja aos que, em recuada época, viram o problema de alto, dando-lhe apropriada solução.

O assunto da fecundação artificial no animal que visa ao aumento e melhoria da riqueza pecuária, é ciência de há duas décadas de anos. Contudo tem dado já origem a investigações científicas do mais alto valor, com resultados práticos e imediatos no aperfeiçoamento das raças animais que nos são mais úteis. Ao lado destas vantagens há investigações valiosíssimas no campo vasto da biologia que se reflectem em novas concepções científicas.

O conhecimento do que acabamos de expor tem certa importância na apreciação das novas directrizes que ultimamente se têm estabelecido sobre a progressão populacional da espécie humana.

Criou-se em Inglaterra a assistência à formação da família, que o mesmo quer dizer, à natalidade.

Na reunião da Sociedade de Eugenia Inglesa, de 24 de Maio de 1944, a médica Margaret Hadley Jackson descreveu como se tem desenvolvido ultimamente na clínica de Exeter, e nas suas associadas Barnstaple e Totnes, da Family Planning Association, o tratamento da esterilidade involuntária.

Esta clínica nasceu antes do actual conflito, em 1933. Contudo já havia prenúncios de próximas conflagrações. As nuvens pressagientas adensavam-se para o centro da Europa, onde Hitler galvanizava para a luta os seus concidadãos, sugestão fácil de exercer sobre um povo que vivia preso à tradição dos seus heróis guerreiros e das suas glórias nos campos de batalha. A guerra passou a ser considerada pela Alemanha como uma necessidade vital e os seus dirigentes, incitando o povo, desfraldavam a bandeira da hegemonia da raça, cujas virtudes e qualidades eram exaltadas, entroncando-as nas lendas do paganismo germânico. Além de tudo espicaçava-lhes o orgulho um resíduo de vingança. E assim veio a luta, e o aumento da natalidade passou ao primeiro plano das graves questões da Inglaterra. A Alemanha mostrou sempre grande actividade natalícia, mesmo quando as armas lhe foram propícias. Já o Chanceler de Ferro apregoava, referindo-se à diminuta natalidade francesa, que todas as noites Berlim ganhava uma batalha sobre a França.

Durante as negociações da paz da última guerra, em 1919, abordava-se o problema em França, nas reuniões mundanas, em torno da Conferência da Paz, como assunto fundamental. Recordo-me de um almoço de pessoas das legações aliadas, em 1919, a que assisti em Paris, em que abundavam damas de alta categoria mental. A conversa caíu sobre a disparidade do aumento da população da Alemanha, sempre progressiva, e a relativa decadência da natalidade dos países do Oeste continental, considerados em globo, que se sentiam esmagados e desfalcados nos seus homens mais vigorosos, nas horas incertas em que decorriam as negociações de paz, já então consideradas como precária garantia para o futuro. Apelava-se para a poligamia como remédio a aproveitar, a fim de aumentar a natalidade. E lembro-me, honra lhe seja, de que se mostrou simpatizante com a solução a esposa de um conhecido Ministro socialista de uma das nações mais duramente experimentadas pelos horrores da guerra.

Há contudo, como dissemos, uma grande diferença entre os dois colossais conflitos em que os países estiveram diferentemente enaiçados.

Nesta devastadora guerra, talvez tenham sido mortos mais civis do que militares. Os esconderijos em que se aglomerava a população, só tarde se organizaram em boas condições e nem sempre serviam de úteis abrigos. E para fugirem às chamadas bombas voadoras só fazendo vida de toupeira e, para escapar à bomba atômica, de que apenas se fizeram duas duras experiências, só emigrando para outro planeta.

Ao *deficit* de homens juntou-se o *deficit* de mulheres, o que sobremaneira complica o problema. A solução poligamia já não tem hoje a actualidade de 1919.

Tudo mudou!

Há anos, informa a Doutora Margaret Hadley Jackson (1), uma corajosa mulher, Councillor Mrs. Rachel Allen, venceu uma pequena batalha contra a autoridade sanitária da cidade de Exeter, para conseguir o estabelecimento de uma consulta gratuita onde fossem dadas indicações contraceptivas, isto é, para evitar a fecundação, aos casais que dela precisassem.

Rachel Allen levou, por fim, a efeito, o seu intento, conseguindo fundos para construir uma Clínica. Em Janeiro de 1930 a *Women's Welfare Association*, de Exeter e do seu distrito, abria a primeira consulta na antiga capital dos reis saxões de Wessex. A promotora manifestou o desejo da sua Instituição não dar apenas assistência contraceptiva, mas também proceptiva, tratando aqueles que desejassem ter filhos.

«Tenho grande pesar, disse ainda Margaret Jackson na sua conferência, que Rachel Allen não tivesse vivido o tempo necessário para ver o lado positivo do seu trabalho tomar raízes e florescer.

Tudo se tem conseguido gradualmente, mas ainda o novo Hospital tem grandes deficiências por dificuldades financeiras; pois faltam secções indispensáveis, como a dos raios X e laboratórios completos para as análises de que carecemos. Fizemos

(1) *The Eugenics Review*, vol. XXXVI, n.º 4, Janeiro, pág. 117.

apelo a outros hospitais que imediatamente vieram em nosso auxílio dando-nos o conforto da sua solidariedade na orientação iniciada. O Dr. Wroth, radiologista do Royal Devon e Exeter Hospital, tomou a seu cargo os salpingogramas e a doutora Harvey, que trabalhou em Oxoford com Baker, ocupou-se da parte biológica e, em especial, do exame do sémen».

Depois de 1937 um apreciável número de doentes acudiu à consulta por motivo de esterilidade.

A clínica de Exeter, auxiliada pela *Family Planning Association* conseguiu melhorar os exames clínicos e laboratoriais, a fim de averiguar as causas da esterilidade feminina.

Margaret Jackson desejaria que essa clínica fosse uma espécie de albergue amigo onde acorressem, com confiança, todos os casais que carecessem de conselhos e auxílios para resolver os seus problemas, quer para espaçar ou limitar as fecundações, quer, especialmente, para tratar a esterilidade.

Animadora de uma obra cuja projecção se não pode por agora prever, confessa, com sinceridade, que este centro é apenas uma pequena contribuição para o problema da natalidade. Mas, acrescenta, se estes serviços forem multiplicados, não só grandes vantagens advirão para os frequentadores das suas consultas, mas também auxiliarão eficazmente o aumento da população.

O centro de Exeter é hoje mais do que uma experiência, é uma realidade útil na região e, sobretudo, marca uma orientação nova e desempoeirada na vida da família, em tudo o que respeita à geração.

Os pares estéreis são muitas vezes examinados em outros hospitais, mas a observação é incompleta e imperfeita. Não é assunto que absorva os que trabalham nas clínicas de ginecologia ou urologia. Marido e mulher são observados isoladamente, e é do exame conjunto que advêm proveitosas indicações.

O estudo da esterilidade exige muito tempo e atenção. O médico incumbido da observação dos cônjuges, termina por marcar o programa a seguir nas investigações a fazer, radiológicas e outras, na sucessão das análises a realizar e até nas biópsias, quando necessárias, de sorte a estabelecer um diagnóstico seguro, orientador de um tratamento proveitoso.

A outra secção da Clínica, destinada a contracepção, e que

ainda hoje tem a maioria dos clientes que procuram Exeter, assim como os Hospitais de Barnstaple e Totnes, também merece os maiores cuidados, pois os casais são sempre seguidos, de sorte a serem apreciados os resultados.

É interessante verificar como os clientes de Exeter têm aumentado em 15 anos, e apreciar a sua distribuição. Tomando um ano, de cinco em cinco, das tabelas publicadas. vê-se como a progressão das consultas se faz em sentido inverso, nomeadamente nos últimos tempos.

Em 1933 — houve 146 consulentes, sendo 99,25 % para contracepção e 0,75 para combater a esterilidade.

Em 1938 as suas 180 consultas dividiram-se em 92 % para contracepção e 7,4 para a procepção.

Já em 1942, em 413 consulentes houve 84,5 % da primeira categoria e 15,5 % da segunda e em 1943, último ano de que conhecemos a estatística, entre 480 primeiras consultas, 66,9 % foram de contracepção, ao passo que as de esterilidade involuntária ascenderam a 33,1 %.

Vem a propósito perguntar qual a influência que a guerra terá tido nesta mudança de distribuição das consultas em dois sectores inteiramente opostos.

Margaret Jackson tem a opinião de que os resultados denunciados por estes números devem ser atribuídos não só às condições da guerra, mas também ao gradual conhecimento, pelo público, das soluções terapêuticas obtidas.

O número de consultas é ainda limitado; mas vai acima do triplo, no decurso de 15 anos. Iniciou-se com este Serviço uma nova directriz. Pouco a pouco se vão vencendo preconceitos religiosos, sociais e da defesa do natural recato, em soluções da vida familiar, naquilo que ela tem de mais íntimo e reservado.

Um facto, porém, permanece seguro, o aumento das consultas daqueles que desejam ter prole.

A esterilidade completa no homem ou na mulher é muito rara. A infecundidade susceptível de tratamento é relativamente vulgar.

Se um casal tem vivido junto e permanece estéril por doze meses, tem vantagem em procurar auxílio médico. Certas perturbações podem exigir uma intervenção precoce. Nem todos os casos necessitam de completas investigações. Basta um exame

pélvico e, por vezes, pós-coital, algumas informações sobre os dias férteis, conselhos sobre a frequência da cópula, etc., e tratamentos simples, como a limpeza do colo do útero, para resolver o problema. Se, contudo, a gravidez não aparece em poucos meses, torna-se necessário ir mais longe nas observações, orientadas no sentido de conhecer as perturbações endócrinas existentes, os factores tóxicos que podem prejudicar as funções gonoi-dais, as dificuldades na saída ou recepção do sémen, e da emigração do óvulo, por obstrução completa ou parcial dos ductos que atravessa, etc. Verificada a quantidade do esperma, atende-se especialmente ao exame da vitalidade e viabilidade dos espermatozoides para a procriação e se vivem bem no trato genital da mulher. Por outro lado também é necessário investigar em que época, em relação ao ciclo menstrual, se dá a ovulação na mulher.

Além das análises do fluído vaginal, muco cervical, biópsias endometriais, faz-se a insuflação tubar com o aparelho Gordon King. Diz Margaret Jackson que, nas observações de Exeter, os casos de obstrução completa das trompas não chegam a 10 %. A uterosalpingografia é também utilizada.

Da parte do homem a análise seminal tem de repetir-se algumas vezes para se formar opinião segura. O tratamento sobre as deficiências espermatozoides é incerto; só análises repetidas podem dar indicações orientadoras.

Coligidos estes e outros elementos, verifica-se qual dos dois cônjuges é o causador da esterilidade, sucedendo, diz Margaret Jackson, que muitas vezes ambos são responsáveis da esterilidade ou sub-fertilidade observadas.

Para os casos em que existe irremediável esterilidade masculina tem-se recorrido em Exeter à sementeira artificial.

Este é o ponto verdadeiramente revolucionário das práticas da nova Clínica.

Uma lista de dadores de sémen fértil, física e genéticamente sãos, formam a base do tratamento. A identidade destes dadores é guardada cuidadosamente secreta e a sementeira artificial só é realizada com o conhecimento e voluntário consentimento do marido.

Esta sementeira tem-se feito na Clínica de Exeter com êxito.

Margaret Jackson denunciou-o num célebre artigo de *The Lancet* (1). A notícia produziu forte reacção na opinião pública inglesa e tanto que subiu ao Parlamento onde foi discutida na Câmara dos Comuns.

Ao tempo havia três crianças obtidas por sementeira artificial e a esposa de um outro casal estava grávida pelo mesmo processo.

A solução proposta e praticada em Exeter para solução dos casos, bem averiguados, de azoospermia do marido, merece alguns comentários, até mesmo pela impressão desagradável que o simples enunciado do método pode deixar.

Dizem os operadores de Exeter que os dadores são escolhidos entre pessoas de boa saúde e ascendência, produzindo sêmen fecundo. Mas isso não é tudo.

As qualidades morais dos dadores não são fáceis de apreciar em todo o pormenor individual e ancestral. E as virtudes e defeitos desta natureza — dando sentido lato às particularidades de carácter apreciadas no meio social — propagam-se através das gerações, por vezes de forma bem marcada.

Também não é fácil investigar o grau de inteligência do dador e menos ainda dos seus antepassados; e contudo é circunstância a ter em conta na descendência.

Pior do que tudo isto é se, na investigação dos ascendentes, houve algum anormal de que se não deu nota e que pode vir a pesar no filho a que a sementeira artificial deu origem.

Dir-se-á que esta circunstância pode também aparecer nos filhos que, normalmente, provenham dos dois cônjuges. O casal suportará, contudo, este infortúnio como produto de uma fatalidade inevitável da sua hereditariedade; ao passo que verá no determinismo da concepção por acção estranha, um desastre temeroso, causa de dolorosas recriminações e de sombrios pesares.

A dissemelhança do produto com os pais pode, por sua vez, ser motivo de contrariedade. Os rumores e as suspeitas, sobretudo em pequenos meios, não deixarão de aparecer. Sabe-se que é fácil explicar estes factos. Pais morenos, com um filho loiro, têm sempre a possibilidade de descobrir, quando não inventar, um ascendente a que a criança se pareça.

(1) *The Lancet*, n.º 6.302, Julho 19, 1944.

Também se pode dizer — indo longe em presunções — que filhos do mesmo dador podem vir a ser noivos, ignorando a origem da progenitura. A dar-se tal ligação, a diferença do meio em que os dois se criaram faz com que tal matrimónio, que só por invulgar acaso poderá dar-se, não trará grandes inconvenientes no campo biológico, único que interessa aqui considerar.

Quando o produto da sementeira artificial não corresponder às aspirações do casal, o remorso de quem mais advogou a solução familiar desejada, será perene suplício.

Serão casos raros, vantajosamente compensados pelos êxitos felizes em que a vida sorriu no desenvolvimento do filho que, integrado no meio, dá a continuação da família. O convívio — muito mais do que o sangue — fundamenta e alicerça a estima e a dedicação, estabelecendo um agregado familiar sólido, célula primária da sociedade. Tudo esquece, até a origem, no rolar dos anos, quando a afeição cria raízes e se tornam fortes os elos da cadeia que prende pais a filhos em perfeita solidariedade.

Se, a propósito de argumentos condenatórios da sementeira artificial, deixarmos expandir a fantasia, podemos imaginar que, divulgado o método, haja uma troca de tubos das sementeiras, reunidos para distribuição. E tratando-se de um centro populacional, com diversas raças: branca, amarela, negra, uma confusão de colheitas seria o maior dos desastres. Podia, por exemplo, aparecer um filho preto, num casal de brancos, tragédia capaz de iluminar cérebros de grandes dramaturgos no desenrolar de cenas torturantes passadas num meio familiar perturbado.

Os excessos da crítica podem ir tão longe que já um jornalista escreveu que a preconizada sementeira artificial é um primeiro passo na aplicação da estranha e contundente fantasia de Aldous Huxley desenvolvida no seu volume — *Brave the World!*

Fugindo, porém, a suposições que andam longe das realidades e reduzindo os factos a justas proporções, a sementeira fecundante é apenas uma solução médica da esterilidade familiar que não merece a repulsa que o simples enunciado provoca.

Reconheço que é perturbante, por atingir hábitos e costumes de há muito inalteráveis; mas é assunto que deve ser estudado com calma e serenidade, tanto mais que o ruído causado pela sua divulgação tem sido violento. Com efeito passou do âmbito mé-

dico para o campo social e político. Os parlamentares ingleses discutiram-no na Câmara dos Comuns, mesmo durante a guerra — tal importância lhe deram! — em princípios de 1945, pedindo contas a Mr. Willink, ao tempo ministro da Saúde Pública.

Soube-se pelo artigo de *The Lancet* que três crianças, *test tube babies*, como um deputado as denominou, tinham nascido no país. A notícia tinha aparecido meses antes numa revista médica. O Ministro que tem à sua guarda a saúde pública da Grã-Bretanha, disse o deputado, teve tempo de proceder aos inquéritos necessários e devia por isso estar habilitado a informar a Câmara e trazer afirmações de princípios, a este propósito. Nem o Ministro podia estranhar que questão de tanta monta fosse ali trazida.

Mr. Willink não estava porém ao facto da sementeira artificial na mulher, mas reconheceu ser grave o assunto e merecedor de larga discussão.

Os médicos, disse ainda um parlamentar, começam a fazer alguma coisa que vai muito além da sua esfera de acção. Há aspectos morais, sociais e legais que têm de ser meticulosamente estudados e apreciados.

A sementeira artificial não é coisa que possa ficar ao arbítrio exclusivo dos profissionais da medicina. Estas práticas revolucionam, de muitas formas e maneiras, os costumes imemoriais da vida familiar.

Devem por isso ser conhecidas e, acrescentou, se for necessário, deve ser restringido o seu emprego pela comunidade.

E passa a fazer uma série de perguntas de que destacaremos as seguintes:

— ¿ São estas crianças legítimas ou ilegítimas? ¿ Como devem ser registadas? Se as crianças são declaradas filhas do marido e não do dador, ¿ não farão os dois cônjuges uma falsa declaração?

Estas são as perguntas que imediatamente surgem ao nosso espírito; mas quando começamos a examinar mais profundamente a complexidade do problema, comenta o mesmo deputado, vemos que elas não têm fim.

¿ Qual, por exemplo, seria a posição de um herdeiro a uma propriedade da família do marido, — em Inglaterra «entailed es-

tate» — quando não for seu filho ? ç Seria considerado verdadeiro descendente da família ?

Dificuldades similares a estas, se podem levantar sobre a nacionalidade.

ç Será inglês, por exemplo, o filho de mãe inglesa e dador estrangeiro ?

O Ministro Mr. Willink deve informar-se sobre o assunto e tomar providências.

Se este método vem a ser largamente praticado, será difícil a legislação a aplicar sobre o assunto. Em resumo, conclue o parlamentar, deve parar a sementeira artificial enquanto estas e outras questões não forem resolvidas.

Não sei a situação em que se encontram actualmente, sob este aspecto, as práticas de Exeter.

As recriminações feitas pelos parlamentares ingleses não invalidam o método. Questões de heranças ou nacionalidade, esta de fácil solução pela escolha dos dadores, não são procedentes para a sua inutilização.

Tudo depende da forma como a família e o matrimónio forem apreciados e de se tomarem determinadas providências.

A desenvolver-se o processo é indispensável que clínicas idênticas se espalhem pelo país, de sorte que, em mútua colaboração, se possa inteiramente despistar a origem do sémen, fazendo-se as trocas de cidade para cidade, não ficando registo algum dos destinos das sementeiras, etc.

Aos dadores, cujo exame e estudo da hereditariedade têm de ser rigorosíssimos, deve ser dito que o sémen é para estudos biológicos, de sorte a ignorarem por completo o destino que lhe vai ser dado.

Muitas das noções zootécnicas, a que atrás fizemos rápida referência, devem ser aproveitadas, especialmente sobre a observação da vitalidade e boas condições fecundantes do sémen, talvez variáveis segundo os dadores, tempo de duração da sua viabilidade, forma de condução, etc.

A Clínica de Exeter não ignora, por certo, o muito que se tem obtido em zootécnica; mas, pelo que lemos, alguma coisa mais ainda há a fazer.

Depois desta longa exposição poderão dizer-me que o melhor

é não tomarmos em consideração a nova doutrina, ficando ligados à velha tradição da geração natural como se tem praticado pelos séculos fora. As inovações revolucionárias, especialmente em capítulo tão delicado da vida íntima, não se aceitam facilmente.

Muitos dos que me leem talvez preferissem mesmo ignorar as doutrinas de Exeter. Mas a vida não termina nas fronteiras da ciência feita; caminha e avança. Não devemos vendiar os olhos ao que aparece de novo com feição iconoclasta, mesmo em assunto tão delicado.

Por forma alguma podemos considerar tais práticas como atentatórias dos chamados bons costumes. Menos ainda devemos dar crédito aos que apreciem a sementeira fecundante como uma fraude matrimonial e portanto como prática imoral. Basta recordar que não há adultério, o que invalida o argumento.

Tudo o que expus contunde, é certo, com a nossa formação educativa, com as bases da nossa individualidade no campo sexual, em suma, com as normas que até aqui têm regido a origem da família.

Notarei, todavia, que as ciências biológicas nada têm que ver com a moral. Os factos positivos podem ser diversamente comentados, mas não devem ser apreciados através de critérios convencionalistas que os deturpem.

A moral varia com as latitudes, com as religiões e até com os costumes sociais e políticos.

Flutua ao sabor dos tempos, dos hábitos e dos preconceitos.

Tem alicerces que se não alteram, princípios imutáveis, e que afinal se condensam num único preceito: a solidariedade humana, base da moral natural. Só ela conduz os povos ao bem geral; só ela serve de guia à felicidade pública.

As religiões que perduram nos meios civilizados adoptam, mais ou menos largamente, essa doutrina que tem alguns milénios e revive no evangelho cristão: ama o próximo como a ti mesmo.

Mal vai àqueles que egoistamente pretendem destruir ou alterar a traça architectónica de um edifício que vem de além de Confúcio. E também àqueles que têm o propósito de a disfarçarem com erradas interpretações que o tempo derrue e o progresso das ideias condena e consome.

Na apreciação do problema proposto há factos positivos que devem ser estudados em todos os pormenores e circunstâncias que os rodeiam.

¿ Com que direito se pode negar a um casal, de marido irremediavelmente infecundo, o desejo de obter um filho por sementeira artificial ?

¿ Não pode um casal adoptar, como filho, uma criança alheia ?

¿ Porque motivo não poderá o marido adoptar um filho que vem ao casal, sem prevaricação sexual e que é gerado no útero de sua esposa ?

¿ Um pai com grave peso de taras ancestrais que, cónscio do seu infortúnio, as não queira transmitir à sua descendência, não poderá satisfazer o desejo de ter adentro do seu lar, pela sementeira artificial, uma criança sadia que seja a alegria do casal ?

Outras hipóteses se podem apresentar; mas resumi-las-emos numa única :

Se uma mulher solteira ou divorciada, sem descendência directa, estiver em condições físicas e materiais de ter um filho por este processo, alguém poderá, com justiça, negar-lhe esse tratamento fecundante? Num passado de aspirações sexuais que não pode realizar, ou na desventura de uma aliança matrimonial infecunda e que não pode continuar por motivos de graves incompatibilidades, ¿ não poderá reabilitar-se para a vida, satisfazendo a aspiração de acarinhar nos braços uma criança que seja sua ?

Estamos em período de grandes transformações sociais. Serão a compensação do pesadelo trágico que enlutou a humanidade dos últimos seis anos.

As práticas da sementeira artificial que hoje nos impressionam, podem amanhã ser olhadas de forma diversa.

O trazê-las, entre nós, à tela da discussão, é pôr-nos ao facto de novas e inéditas condutas no campo da geração humana.

As doutrinas da Clínica de Exeter têm dois aspectos diferentes, dividem-se em dois sectores opostos. No primeiro dá assistência aos casais que desejem evitar a fecundação ou a superfertilidade, levantando, em prática corrente, os preceitos neo-maltusianistas que há muitos anos preconisei — e que tão combatidos têm sido! — fugindo a preconceitos dominantes. Vêm resolver

graves questões no campo da patologia e no âmbito social, enquanto não houver uma mais equitativa divisão da riqueza pública e uma eficaz protecção às famílias numerosas. Tais práticas são bem preferíveis aos abortos que pululam por toda a parte em detrimento da saúde da mulher.

O segundo sector da Clínica de Exeter é o destinado ao tratamento da esterilidade nos casais infecundos e entre os métodos empregados aconselha-se o da fecundação por sementeira, nos casos — relativamente raros — de insanável azoospermia masculina.

Como dissemos, é indispensável, para que se realize esse tratamento, o consentimento do marido. Este dará à criança um lugar especial dentro do lar, será seu filho. Aos dois cônjuges pertence; ambos lhe darão os seus afectos e assistência.

A mãe realiza a aspiração da maternidade que, em muitas mulheres, se eleva acima da ligação sexual, e o pai putativo verá nessa solução, sem desrespeito da boa conduta familiar, a continuação da vida do lar.

A espécie humana paira acima das convenções e dos preconceitos. E com tais práticas nem é prejudicada, nem diminuída.

*

Não tenho por hábito abusar de citações e menos ainda escudar-me em afirmações alheias para justificar a minha maneira de pensar. Ao terminar, porém, sinto-me um pouco desajudado, tão extraordinária e imprevisível é a ousada tese de Exeter sobre a geração humana. Por isso rematarei com o dizer de Tardieu que já citei em emergência similar: «O ministério sagrado do médico, obrigando-o a ver tudo, permite-lhe também dizer tudo».

Egas Moniz